

## “La cuestión de la América latina”: Martín García Mérou e os impasses da produção intelectual no continente<sup>1</sup>

Mauro Franco Neto

Graduando em História pela UFOP

[franconeto.m@hotmail.com](mailto:franconeto.m@hotmail.com)

**RESUMO:** No interior dos problemas levantados pelo recente aporte metodológico da “história cruzada” (*histoire croisée*), a noção de “intersecção” permite evidenciar que entidades ou objetos afetados pelo cruzamento não devem ser considerados por eles mesmos, mas sim em suas transformações ocorridas uma vez em contato com uma referência exterior. É sob essa premissa que este estudo toma como ponto de partida a obra *El Brasil intelectual*, do diplomata argentino Martín García Mérou, publicada em Buenos Aires no ano de 1900. O estudo objetiva avaliar em quais pontos a obra de García Mérou, à medida que se contrastava/cruzava a produção intelectual de Brasil e Argentina, se mostra reveladora de um campo conceitual que apela à cultura local como explicação última dos problemas políticos da região, em outras palavras, o que o autor chama de “la cuestión de la América latina”.

**PALAVRAS-CHAVE:** História intelectual, América Latina, História cruzada.

**ABSTRACT:** Within the problems raised by the recent methodological approach of the *histoire croisée* the idea of “intersection” allows to witness that entities or objects affected by the cross-over shouldn’t be considered by themselves, but through the transformations occurred once in contact with an external reference. It is through this point of view that the following study based on *El Brasil intellectual*, by the argentinian diplomat Martín García Mérou, published in Buenos Aires in the year of 1900, takes place. The study aims to evaluate in which points the work of García Mérou, as they contrasted/crossed with the intellectual production of Brasil and Argentina, reveals a conceptual field that appeals to local culture as the ultimate explanation of the political problems pertaining to the region, in other words, what the author calls “la cuestión de la América Latina”.

**KEYWORDS:** Intellectual history, Latin America, Crossed history.

Possibilitando um “ir além” do quadro epistemológico da historiografia nacional, as recentes abordagens metodológicas das “transferências culturais”, da *connected history* e da “história cruzada” são pontos de partida interessantes para o estudo de mecanismos de apropriação e recepção de valores e discursos estrangeiros. Segundo formulação de Helenice Rodrigues, a questão fundamental colocada por essas abordagens é “como proceder à análise das apropriações de ideias vindas de outros contextos culturais?”<sup>2</sup> Para ser mais preciso, utilizar o referencial da

---

<sup>1</sup> Agradeço a Mateus Pereira (UFOP) e a Gabriel Conselheiro Campos pelas leituras e sugestões a uma primeira versão desse texto. Apoio: CNPq.

<sup>2</sup> RODRIGUES, Helenice. Transferência de saberes: modalidades e possibilidades. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 53, p. 203-225, jul./dez. 2010.

“história cruzada”, tal como proposto por Werner e Zimmerman<sup>3</sup>, e juntamente a isso a noção de “intersecção”, permite evidenciar que entidades ou objetos afetados pelo cruzamento não devem ser consideradas por elas mesmas, mas sim em suas transformações ocorridas uma vez em contato com uma referência exterior.

É desse modo que se estabelece uma historicização da própria noção de “cultura” revelando o grau de permeabilidade da sua formação. Com isso, propõe-se neste texto tomar a obra *El Brasil Intelectual*, do escritor-viajante argentino Martín García Mérou como um “caso” revelador de uma dupla problemática: a da alteridade como postulado fundamental nas construções das culturas nacionais e que, por sua vez, são tomadas como explicações últimas dos problemas político-intelectuais latino-americanos.

Não se pode passar por cima, contudo, de prévios apontamentos a respeito da categoria “intelectual” que aqui se utiliza. Em uma análise desse conceito, Christophe Charle defende que este só pode ser entendido na diacronia das representações anteriores de figuras dominantes da cultura. Assim, a conquista de legitimidade do campo intelectual ocorreu de maneira gradual, passando pelo elitismo de certas figuras correspondentes a um campo intelectual fechado em si, até uma transformação do campo intelectual nas décadas finais do século XIX com a expansão das profissões intelectuais, um crescimento do público e uma contestação das hierarquias culturais mais antigas. Do homem de letras iluminista e do poeta romântico, passando pelos “*savants*” integrantes de disciplinas que cada vez mais se chamavam ciências, além mesmo de uma nova divisão do trabalho intelectual com a efervescência de modelos simbólicos, se visualizava um campo cada vez mais abrangente e integrador.<sup>4</sup> Tese, em certa medida, similar à de Pierre Bourdieu na sua coleção de ensaios *Campo de poder, campo intelectual*. Tal possibilidade do intelectual ser localizado histórica e socialmente só se faz na medida em que este faz parte de um campo que o legitima, recorrendo a um código em comum com seus pares, temas e problemas da ordem do dia e formas de raciocinar e perceber.<sup>5</sup>

Na América Latina de fins século XIX, as condições de existência desse intelectual-mediador, como é aqui o caso de García Mérou, extrapolam uma categoria sócio-profissional, pois, em geral, estes se reúnem em instituições, periódicos e movimentos. De forma similar, também dependem dos debates com outros intelectuais, das impressões e edições e do trabalho da imprensa. Segundo Carlos Altamirano, o pressuposto básico assumido é que “a noção de

---

<sup>3</sup> WERNER Michael; ZIMMERMANN Bénédicte. Pensar a história cruzada: entre empiria e reflexividade. *Textos de História*, vol. 11, n.1 e 2, p. 89-127, 2003.

<sup>4</sup> CHARLE, Christophe. *Naissance des “intellectuels” (1880-1900)*. Paris: Éditions de Minuit, 1990.

<sup>5</sup> BOURDIEU, Pierre. *Campo de poder, campo intelectual: itinerário de un concepto*. Buenos Aires: Montessor, 2002.

intelectual tem uma história, uma história que se desenvolveu em diferentes contextos sociais, culturais e políticos, e a América Latina foi um deles”<sup>6</sup>.

O mesmo teórico, quando procura situar uma agenda de estudos para a história intelectual, prefere a utilização do termo “literatura das idéias” em detrimento de outros como “ensaio” ou “manifesto político”. Sendo os textos clássicos da produção político-intelectual latino-americana objetos fronteiros e confluentes do interesse de várias disciplinas, o uso de “literatura das idéias” cairia melhor como ferramenta de análise do que “pensamento latino-americano”, por exemplo, que renegaria aspectos formais de uma obra como metáforas, retóricas e ficções, indispensáveis à sua composição. O programa de estudo da história intelectual se mostra, dessa forma, claramente reforçado por uma abordagem que privilegia as estratégias discursivas dos agentes e as condições que tornaram possível a existência de uma obra em um determinado contexto.<sup>7</sup>

### **Estratégias de aproximação: a produção intelectual brasileira segundo García Mérou**

Quando no ano de 1900 Martín García Mérou<sup>8</sup> inicia sua obra *El Brasil Intelectual* agradecendo ao Tenente General Julio Argentino Roca – já no seu segundo mandato a frente da República Argentina – pelo estímulo concedido ao liberá-lo de suas funções oficiais no seu país de origem, logo o autor registra aquele que seria seu principal intuito na passagem pelo Brasil, isto é, estudar o país vizinho “não somente sob o aspecto político, econômico e comercial, mas também sob o aspecto intelectual”<sup>9</sup>. Tal objetivo vem a preencher a lacuna apontado pelo autor em relação ao desconhecimento da produção intelectual brasileira em território argentino.

79

---

<sup>6</sup> ALTAMIRANO, Carlos (Dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Madrid/ Buenos Aires: Katz editores, 2008, p. 15. (Tradução do autor, assim como todos os outros textos traduzidos neste artigo. NR)

<sup>7</sup> \_\_\_\_\_. Idéias para um programa de história intelectual. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, São Paulo, n. 1, v. 19, Jun. 2007.

<sup>8</sup> Martín García Mérou (1862 – 1905) iniciou sua carreira em 1877 “como corretor de provas no diário *La Nación*. Também colaborou no ‘*Él Álbum del Hogar*’, com Santiago Estrada no ‘*La América del Sud*’, e em outros meios periódicos. Em 1878 ganhou seu primeiro prêmio literário. Ingressou na carreira de direito, mas logo a abandonou. Contudo, a passagem pelo Colégio Nacional quando jovem, tal Diário e esta Faculdade foram suficientes para que na época Manuel Láinez o apadrinhasse para acompanhar Miguel Cané em um itinerário diplomático que começou pela Venezuela e Colômbia. Este escritor-diplomata o aproximou por sua vez a Pallegriani, a Vicente López, a Roque Sáenz Peña e um círculo que o incluiu no Partido Federal. Em 1884 realizou sua primeira estadia no Brasil como secretário da representação do Rio de Janeiro. Permanecendo pouco tempo em cada lugar, logo passou às embaixadas de Madrid e Paris até se tornar secretário do Presidente Roca entre 1885 e 1886. Nesse ano foi nomeado Ministro Plenipotenciário no Paraguai até 1891, quando o designaram Consul no Brasil”. In: SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil: Una antropología de la circulación internacional de ideas*. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003, p. 80.

<sup>9</sup> MÉROU, Martín García. *El Brasil Intelectual*. Buenos Aires: Editor Félix Lajouane, 1900, p. V.

As únicas obras que, incipientemente, levaram para a Argentina as primeiras impressões intelectuais do Brasil foram as de Juan Maria Gutierrez em comentário da *Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, alguns juízos de Ernesto Quesada, uma descrição da natureza fluminense de Groussac e as páginas da obra *Viajes* na qual Sarmiento descreve sua visita ao Brasil. Nesse contexto é que García Mérou fundamenta sua preocupação em fornecer aos argentinos maiores subsídios em relação aos publicistas do país vizinho.

Gustavo Sorá, em seus estudos sobre as publicações de obras brasileiras na Argentina do século XX, descreve as preocupações do diplomata aqui analisado sob a expressão “fórmula Mérou”. É através desta que segundo Sorá

[...] o Brasil emerge como referência de alteridade fundamental. Escreveu [Mérou] um esquema de interpretação que posteriormente foi cristalizado por muitos dos que, ao apresentar a real cultura brasileira no cenário cultural argentino, buscaram herdar a posição de ‘embaixador literário’.<sup>10</sup>

Uma maneira também coerente de visualizar o trabalho, e nesse caso as consequências da obra de García Mérou, é o aparato fornecido pelo “contextualismo lingüístico” na versão de John G. A. Pocock. O questionamento inicial de Mérou sobre o desconhecimento em solo argentino da produção intelectual brasileira traz a relevo a ainda incipiente tradição de mediação cultural entre os dois países naquele contexto de fim de século. Sendo assim, o que Pocock chama de emissão de “lances”, isto é, os “cortes” que um autor é capaz de sancionar dentro de uma linguagem constituída, podem ser visualizados através do exemplo merouniano renovando (iniciando?) um discurso que será muito retomado na Argentina do século XX sobre o que se produz no Brasil em matéria intelectual.<sup>11</sup> O que está em jogo, segundo o historiador inglês é observar um conjunto de convenções, de modos de enfrentar as questões perante uma comunidade de falantes de uma linguagem política. Restaria então rastrear os rearranjos dessa linguagem e assim se pode responder a pergunta fundamental: “o que o autor estava fazendo?”<sup>12</sup>

Sobre os dados editoriais, o livro surgiu como uma coleção de ensaios publicados na revista *La Biblioteca* dirigida por Paul Groussac e editada pela Biblioteca Nacional. *El Brasil Intelectual* só tomou seu formato final em 1900 quando a edição de Félix Lajouane, principal livreiro editor de Buenos Aires, colocou em circulação a obra de 470 páginas com 200 exemplares de luxo impressos em papel *vergé*. Entre as outras principais publicações de Mérou, atestadas no início dessa edição, podem ser observadas uma multiplicidade de temáticas abordadas: a obra

---

<sup>10</sup> SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil*, p. 85.

<sup>11</sup> Ver novamente o trabalho de Sorá sobre obras brasileiras publicadas na Argentina do século XX. SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil*.

<sup>12</sup> POCOCK, John G. A. *Linguagens do ideário político*. Trad. Fábio Fernandes. São Paulo: Edusp, 2003.

com a qual estreou no cenário intelectual argentino, *Poesias* (Barcelona, Jacobsen ed, 1884), suas memórias de viagens em *Impresiones de Buenos Aires a Paris. Recuerdos de Venezuela y Recuerdos de Colombia* (Madrid, Murillo ed., 1884), trabalhos sobre *Livros y Autores* (Buenos Aires, F. Lajouane, 1886) seus *Estudios Literarios* (Madrid, Murillo ed., 1884), além dos *Estudios Americanos* (Buenos Aires, Félix Lajouane ed., 1900) e até mesmo uma *Historia de la Republica Argentina* (Angel Estrada y Cia. ed., 1899).

Tal amplitude de interesses de García Mérou se refletiu na narrativa composta em *El Brasil Intelectual*, sobretudo ao oferecer um quadro composto de literatos, políticos, periodistas, historiadores e escritores, num sentido mais amplo. Distribuiu os 39 capítulos que compõem a monumental obra entre autores como a tríade naturalista Sílvio Romero, José Veríssimo e Araripe Jr., debatedores do abolicionismo como Joaquim Nabuco e Ruy Barbosa, além dos notáveis Visconde Alfredo de Taunay e Tobias Barreto. A proximidade entre literatura e política e a conseqüente derivação que o autor tira dos dilemas enfrentados pelo campo intelectual e político comporiam aquilo que Mérou descreve como “la cuestión de la América Latina”. A estratégia utilizada pelo autor consiste na união de Brasil e Argentina em um mesmo campo discursivo, o dos obstáculos para uma produção intelectual latino-americana emancipada e, através do cruzamento de suas trajetórias, apontar soluções comuns para tal problema.

As semelhanças entre os dois países ainda que se revelem, segundo o autor, nas alianças político-militares traçadas ao longo do século XIX na qual “favoreceram o nascimento de outras nacionalidades”, podem ser mais claramente observadas no fato de terem “esvaziado no mesmo molde suas instituições políticas” e quando “se chocaram com os mesmos obstáculos ao levar a prática seus princípios liberais”<sup>13</sup>. Tais obstáculos, semelhantes no trajeto dos dois países, levam o autor a se questionar como tinha se mantido assim o Brasil distante “de nossas modalidades nacionais, de nossas virtudes nativas, do nosso estado de civilização e de cultura, da forma e da importância da nossa produção intelectual?”<sup>14</sup>. Para enfim chegar àquilo que será o centro de sua argumentação na obra: “temos uma cultura artística própria, algo que possa chamar-se uma literatura nacional, ou estamos em condições de tê-la”<sup>15</sup>?

Com essa pergunta fundamental que atravessa o continente Mérou retoma um argumento que aponta para a influência do meio físico como fator determinante na produção intelectual de uma região. Assim, os agentes apontados como capazes de amenizar essa ação

---

<sup>13</sup> MÉROU, Martín García. *El Brasil Intelectual*, p.4.

<sup>14</sup> \_\_\_\_\_. *El Brasil Intelectual*, p.4.

<sup>15</sup> \_\_\_\_\_. *El Brasil Intelectual*, p.4.

eram, respectivamente, a facilidade do contato com povos do velho mundo, as correntes imigratórias e a influência de novas gentes para lidar com as forças da natureza tropical. Dentro dessas “condições de produção” é que derivava o “espírito de imitação que estraga a cultura intelectual daquela nação”<sup>16</sup>. Ainda assim, no Brasil “se sublevam contra esta submissão do espírito e clamam por uma ‘independência moral’, como complemento da independência política”<sup>17</sup>.

Mesmo com esse trunfo o Brasil se situa no meio do caminho para a independência desejada, pois: “Podem aspirar a ela nossos vizinhos e vangloriarem-se de possuir um ‘espírito brasileiro’, quando não têm, todavia uma nacionalidade formada e homogênea, e uma verdadeira etnografia moral”<sup>18</sup>?

É sob essa proposição que surge a primeira tese merouniana. O autor escolhe uma passagem do francês Joseph Texte, em obra publicada em fins do XIX sobre as origens do “cosmopolitismo literário francês”, para lançar o argumento de que tal cosmopolitismo não se explicaria por si só, mas somente através dos cruzamentos que sofreu com outras produções intelectuais como a alemã, inglesa e dos demais vizinhos. De tal modo, encerra: “o estudo de um ser vivente se compõe, em grande parte, do estudo das relações que o unem aos seres vizinhos. Do mesmo modo, não há literatura cuja história se encerre nos limites do seu país de origem”<sup>19</sup>. Além de estar justificando sua atuação no Brasil, defendendo o estreitamento dos vínculos com o seu vizinho mais proeminente, propõe uma solução possível para o dilema da originalidade da produção intelectual na América Latina, nesse caso, pensar soluções sob o olhar da alteridade para este problema que permearia o “fazer intelectual” nos dois países.

Não obstante, sua impressão da atuação desses publicistas no Brasil se revelava cada vez mais positiva, principalmente no que tange às circunstâncias existentes no país. Em uma perspectiva comparada dos dois países, diz Mérou:

A atividade intelectual daquela nação [Brasil] é superior, sem dúvida alguma, à que apresentam suas irmãs do continente. Ela pode mostrar com orgulho, no passado e no presente, um núcleo compacto de sábios, de escritores e de estadistas dignos de figurar em qualquer dos centros mais avançados do velho mundo. Uma instrução metódica e séria, em que predominaram os estudos clássicos, um gênero de vida mais reduzido que o nosso, menos subordinado aos atrativos do prazer e aos esplendores e o refinamento de um sibaritismo elegante, uma larga época de tranquilidade e de desenvolvimento pacífico, sob uma administração tranquila e de móveis elevados, - todas essas causas associadas à inteligência natural de seus homens, às tendências

---

<sup>16</sup> MÉROU, Martín García. *El Brasil Intelectual*, p.7.

<sup>17</sup> \_\_\_\_\_. *El Brasil Intelectual*, p.8.

<sup>18</sup> \_\_\_\_\_. *El Brasil Intelectual*, p.8.

<sup>19</sup> \_\_\_\_\_. *El Brasil Intelectual*, p.9.

artísticas da raça e às vantagens de um meio mais igual, mais interessado nas coisas do espírito, - propenderam a dar ao Brasil uma cultura literária mais sólida e original que a de outras nações sul-americanas.<sup>20</sup>

A Argentina por sua vez sofria com as contendas políticas internas e com a tirania de líderes locais. O exemplo maior do grau de “ilustração” promovido pelo Brasil e o concomitante atraso argentino se revela para o autor na criação em 1838 do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Ali, “o cultor das letras, o investigador tranquilo e assíduo da história pátria, encontravam um centro propício e silencioso, em que unir seus esforços e colaborar na obra benéfica de sua civilização e de seu progresso material.” Nesse mesmo momento, na visão do autor “as sombras da ditadura tratavam de apagar todos os direitos da inteligência argentina”<sup>21</sup>. Mas não só. Para além do empecilho político visualizado em terras argentinas, o intelectual latino-americano tinha que se livrar daquilo que mais emperrava suas potencialidades, o afã pela imitação europeia. Essa é a principal crítica de Mérou a um dos pilares das letras brasileiras daquele momento, Sívio Romero.

Se Romero critica as presenças francesas nas obras dos intelectuais brasileiros, ele não abre mão da influência alemã que herdou de Tobias Barreto, e de tal forma para Mérou recai no mesmo dilema daqueles que sofrem com sua pena crítica: “influência por influência não parece que escapar de uma para enfeudar-se em outra é simplesmente mudar de amo”<sup>22</sup>?. Queixa-se por ler em autores brasileiros aquilo que poderia ter sido lido nos próprios alemães citados, e não encontrar a tão procurada “originalidade” como observou em Veríssimo, Araripe, Ruy Barbosa e outros. É através também de um artigo de Antônio Herculano de Sousa Bandeira, publicado na *Revista Brasileira* que a crítica a Sívio Romero se intensifica, pois Mérou após lê-lo diz corroborar com o argumento o qual todo o afã filosófico de Romero se perde no seu ecletismo inconsciente, e principalmente nem mesmo deixa um plano de renovação da filosofia brasileira.

Chama a atenção na descrição de García Mérou a amplitude de espaços e formas de ação desses intelectuais na virada do século. Relembremos que na definição de Bourdieu a constituição de um campo intelectual se faz a partir de uma infinidade de relações sociais específicas, relações entre o editor e o autor, relações entre o autor e a crítica, relações entre os autores, e também com o público.<sup>23</sup> Sendo assim, as evidências trazidas por Mérou desses componentes que aglutinam intelectuais no Brasil são cada vez maiores. Dedicou também um capítulo do livro ao retrato da vida periodística daquele contexto.

---

<sup>20</sup> MÉROU, Martín García. *El Brasil Intelectual*, p. 18-19.

<sup>21</sup> \_\_\_\_\_. *El Brasil Intelectual*, p. 20.

<sup>22</sup> \_\_\_\_\_. *El Brasil Intelectual*, p. 49.

<sup>23</sup> Cf.: BOURDIEU, Pierre. *Campo de poder, campo intelectual*.

Ao contrário dos diários argentinos que segundo Mérou encarnam e representam ideais de grupos políticos, nos brasileiros “predomina por outro lado, o elemento nacional, mais suscetível de compreender as questões locais e palpitar com a alma popular”<sup>24</sup>. Entre os mencionados estão a *Gazeta de Notícias*, o *Jornal do Brasil* dirigido por Fernando Mendes de Almeida, *O Paiz* que trouxe ao público Quintino Bocaiuva, além também do *Jornal do Commercio*. No campo literário aquele citado em diversas passagens é a *Revista Brasileira*, nesse momento dirigida por José Veríssimo e que conglomerava os grandes debates intelectuais do período. Essa rica vivência cultural se vivia também nas discussões em torno da presença do positivismo no país, tal como na contenda Veríssimo/Romero. Enquanto o autor de *Doutrina contra Doutrina* resistia às postulações de Comte naquele momento triunfante nos homens do Estado brasileiro, José Veríssimo não via com bons olhos o afã crítico de Romero a Comte quando na verdade o que este faz é simplesmente substituí-lo por Spencer. A impressão de Mérou em relação a toda essa efervescência de ideais representa um desapontamento com sua Argentina, enquanto no Brasil uma obra como a de Romero “é ao mesmo tempo um timbre de honra para sua pátria, ao mostrar a seriedade e a competência com que no Brasil se discutem e se esmiúçam as mais árduas questões que preocupam o pensamento contemporâneo”<sup>25</sup>.

Um campo intelectual preocupado, sobretudo, com os aspectos políticos que o cercam e, conseqüentemente, atento às barreiras enfrentadas pelas instituições dessa mesma natureza na América Latina. É assim que Mérou descreve os estudos de Assis Brasil sobre a democracia representativa, pois “A brilhante monografia [...] examina sucessivamente os fundamentos do voto, seus defeitos e sua utilidade; a competência do povo para influir no seu próprio destino”<sup>26</sup>. Mas isso tudo sem ignorar os “obstáculos que apresenta a situação atual da sua pátria, como a do resto da América, para fazer uma realidade de instituições que requerem um alto grau de desenvolvimento intelectual e uma preparação especial no povo que as adota”<sup>27</sup>. A recorrência dos ditos “obstáculos” no texto de Mérou é finalmente precisada quando afirma serem as oposições às teses de Assis Brasil derivadas da “ferocidade tão comum do cacicado político e que seria essa oposição de vistas que caracteriza os caudilhos de aldeia, tão influentes e funestos em sociedades como as nossas”<sup>28</sup>. O experimento republicano latino-americano se apresenta naquele momento para Mérou repleto de mal-entendidos.

---

<sup>24</sup> MÉROU, Martín García. *El Brasil Intelectual*, p.416.

<sup>25</sup> \_\_\_\_\_. *El Brasil Intelectual*, p.96.

<sup>26</sup> \_\_\_\_\_. *El Brasil Intelectual*, p.187.

<sup>27</sup> \_\_\_\_\_. *El Brasil Intelectual*, p.190.

<sup>28</sup> \_\_\_\_\_. *El Brasil Intelectual*, p.190.

Inclusive no Brasil onde o cruzamento das experiências políticas com a Argentina permitiram ao autor tecer críticas à forma pela qual o vizinho de língua portuguesa se organizava na então recente República:

As novas instituições foram implantadas sem dificuldade, impostas pela vontade do Exército e da Armada e aclamadas ou suportadas sem um leve surto de resistência pela imensa maioria da nação. Como se explica então a reação produzida pouco tempo mais tarde e as agitações incessantes de que, durante os anos de sua vida nova, o Brasil foi teatro? Em todas as seções do nosso continente, essas agitações precederam geralmente à época da organização definitiva do país.<sup>29</sup>

As teorias abstratas de governo elaboradas por Assis Brasil são para Mérou um desvio de foco daqueles que seriam problemas elementares da vida política no Brasil e que, se almeja descobri-los, é necessário:

descender até a raiz histórica do povo brasileiro e examinar a raça, o meio em que ela se desenvolveu, os caracteres sociológicos e morais que o distinguem, sua falta de educação para a vida democrática, todo este vasto conjunto de elementos que é necessário ter em conta para definir e compreender uma situação dada em um período de transição e em uma nação despojada de caracteres próprios definitivos.<sup>30</sup>

Em uma ajuda mútua, enquanto as instituições republicanas argentinas, debatidas antes mesmo da sua instalação, podem, mesmo com todas as deficiências e instabilidades apontadas pelo autor, fornecer ao Brasil formas de gerir o novo governo, pode o Brasil subsidiar através de exemplos o crescimento intelectual argentino.

O tema da subserviência político-intelectual latino-americana, do descompasso entre seus sistemas institucionais e a realidade social, entre o mundo das ideias e a cultura local, é aqui abordado não para chamar a atenção para seu caráter mitológico ou real, mas tomando por minhas as palavras do historiador argentino Elías José Palti, para averiguar em que ponto estas “têm repercussões concretas na realidade, condicionando o agir dos atores”<sup>31</sup>. É o que se nota quando García Mérou toma da autoridade do discurso de diplomata para afirmar que

a verdade deplorável e que todos ocultamos por um sentimento talvez nobre de orgulho nacional, é que no fundo da maior parte das contendas políticas sul-americanas não se debatem questões de princípios, sim lutas de paixões e de apetites vergonhosos.<sup>32</sup>

Contudo, nem por isso deixa o autor argentino de buscar formas de sanar tal dilema político-intelectual que corta o continente. É na apresentação que este faz de Joaquim Nabuco e da sua obra *Balmaceda* que se visualiza isso mais claramente. Utilizando-se das críticas

---

<sup>29</sup> MÉROU, Martín García. *El Brasil Intelectual*, p.198.

<sup>30</sup> \_\_\_\_\_. *El Brasil Intelectual*, p. 201.

<sup>31</sup> PALTÍ, Elías José (Org.). *Mito y realidad de la “cultura política latinoamericana”*: debates em IberoIdeas. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010, p. 15.

<sup>32</sup> MÉROU, Martín García. *El Brasil Intelectual*, p. 202.

monarquistas feitas no início da República no Brasil, Nabuco se valeu da crise política enfrentada pelo governo de José Manuel Balmaceda no Chile, para comparar as situações de cada país e defender a superioridade do governo monárquico sobre aquele então instalado no Brasil.

A República, ainda com seus impasses, era uma forma de governo vista como mais adequada do que a Monarquia que trazia à memória os tempos coloniais, como se pode ler nas associações que Meróu faz do monarquista Nabuco como um escritor de “antigo regime”, defensor da ordem e da lei propiciadas pela Monarquia. É sob esse viés republicano que Mérou rebate a tese de Nabuco sobre a incapacidade de todos os governos do continente, com exceção do Chile, em se organizarem na estrutura republicana. Segundo ele, o próprio Chile é “governado invariavelmente até hoje por uma oligarquia aristocrática”<sup>33</sup>. A fase do total “estado de desgoverno” já estaria em momentos finais e retoma Juan Baptista Alberdi, Mitre, Lopez, Avellaneda e outros intelectuais argentinos como fornecedores das melhores explicações sobre o que estava em jogo. Diz:

‘La cuestión de la América latina’ deve ser considerada desde três pontos de vista diferentes, porém harmônicos: os antecedentes históricos da nossa vida política e administrativa, os caracteres étnicos dos grupos das populações latino-americanas, as condições sociais de nosso continente na época da independência e posteriores à nossa emancipação.<sup>34</sup>

A expressão “cuestión de la América Latina” traz então a relevo um ideal de unidade que coloca lado a lado história, condições políticas, caracteres étnicos e condições sociais, que sintetizados e removidos da sua obscuridade seriam capazes de revelar um significado oculto, as razões pelas quais a emancipação intelectual não se faz sentir. É com esse recurso discursivo que segue o autor afirmando que nada mais contrário aos antecedentes e costumes do continente que o sistema republicano, no entanto é o que há a disposição e assim, é através deste “ideal ao que marchamos em meio a tropeços e desfalecimentos de uma evolução difícil e perigosa”<sup>35</sup>.

Ao fim, a conclusão: “la cuestión de la América latina fica assim reduzida a um problema de educação”<sup>36</sup>. Não seria possível pensar a emancipação do intelectual latino-americano e mesmo de suas instituições políticas sem antes solucionar problemas que permeariam todos os “tipos” que compunham o continente:

A educação das massas, a transformação do índio analfabeto, do negro liberto ou descendente de escravo, do gaúcho, do roto, do charro, a transformação do elemento

---

<sup>33</sup> MÉROU, Martín García. *El Brasil Intelectual*, p. 285.

<sup>34</sup> \_\_\_\_\_. *El Brasil Intelectual*, p. 291

<sup>35</sup> \_\_\_\_\_. *El Brasil Intelectual*, p. 294.

<sup>36</sup> \_\_\_\_\_. *El Brasil Intelectual*, p. 295.

crioulo e a amalgamação do elemento estrangeiro por meio da escola, - é aqui a velha e única solução que tem 'la cuestión de la América latina'.<sup>37</sup>

Após descrever a conjuntura da produção intelectual brasileira naquele momento, passando pelas contendas literárias, o debate político, as atuações em periódicos, além de outros temas e autores rapidamente citados, García Mérou não poderia terminar sua obra senão tecendo um profundo elogio da contribuição da nação vizinha para a emancipação intelectual do continente. Para estreitar os vínculos com o país onde atuou como diplomata, enfatiza Mérou:

[...] quis apresentar aos meus compatriotas alguns dos aspectos da vida literária brasileira. Os nomes e as obras que desfilam nessas páginas, não são senão uma parte mínima de todas as que poderiam figurar em elas com honra, porém bastaram para apreciar quão alto é o grau da cultura do Brasil e quão digna é sua produção de ser analisada e conhecida por todos os que rendem culto ao espírito[...].<sup>38</sup>

### Considerações finais

O Brasil aparece dessa forma como um contraste ideal para a proposta de análise merouniana. A relação entre as duas nações assume uma via de mão dupla, na qual o universo intelectual brasileiro emerge como modelo no continente e a experiência republicana argentina, que já contava com sete décadas, coloca-se como provedora em lições de administração à república recém instalada no Brasil. Em *El Brasil Intelectual*, revela-se mais uma vez que o estudo de “mediadores culturais”, sejam eles indivíduos ou grupos, que ganharam espaço no campo dos estudos culturais recentes, tornou possível abordar processos de rompimento de fronteiras e cruzamentos culturais que desde o século XIX se cristalizaram na atuação de intelectuais, livreiros, editores, viajantes, entre outros.

Uma história intelectual conforme aqui executada buscou colocar em dúvida a consolidação das historiografias unicamente nacionais. Assim, ainda que pareça banal afirmar que as interpretações possuem dimensões políticas e não são um empreendimento hermenêutico autônomo, segue-se aqui a linha de Dominick La Capra, reforçando que “a interpretação é uma forma de intervenção política que introduz o historiador em um processo crítico que relaciona passado, presente e futuro através de modos complexos de interação que entranham tanto continuidade como descontinuidades”<sup>39</sup>. A escolha aqui feita assume, dessa forma, que é pelo estudo das trocas que se produz uma abordagem mais rica da cultura de recepção e consequentemente que se questiona a lógica de reflexão de uma história das ideias tradicional,

---

<sup>37</sup> MÉROU, Martín García. *El Brasil Intelectual*, p. 299.

<sup>38</sup> \_\_\_\_\_. *El Brasil Intelectual*, p. 453.

<sup>39</sup> LA CAPRA, Dominick. “Repensar la historia intelectual y leer textos.” IN: PALTI, Elias José. “Giro Lingüístico” e *historia intelectual*. Buenos Aires: Universidade Nacional de Quilmes, 1998, p. 284.

que afirma a existência de “distorções” do pensar na transposição de ideias em um espaço distinto daquele da sua suposta origem.

Espera-se assim, através da escolha inicial do aporte metodológico da história cruzada para o estudo deste caso, ter contribuído para a complexificação da própria percepção que associa problemática da produção intelectual latino-americana às formas culturais nela presentes. É ao transformar essa mesma percepção em objeto de estudo que se desvenda os fundamentos epistemológicos sob os quais está pautada e como ela se constituiu conceitualmente num momento que não interessava para um autor como García Mérou responder apenas quem é a Argentina ou a América Latina enquanto espectro de identidade, mas porque não eram de uma determinada maneira uma vez vistas sob o ângulo da alteridade.

Recebido: 15/05/2012  
Aprovado: 19/07/2012